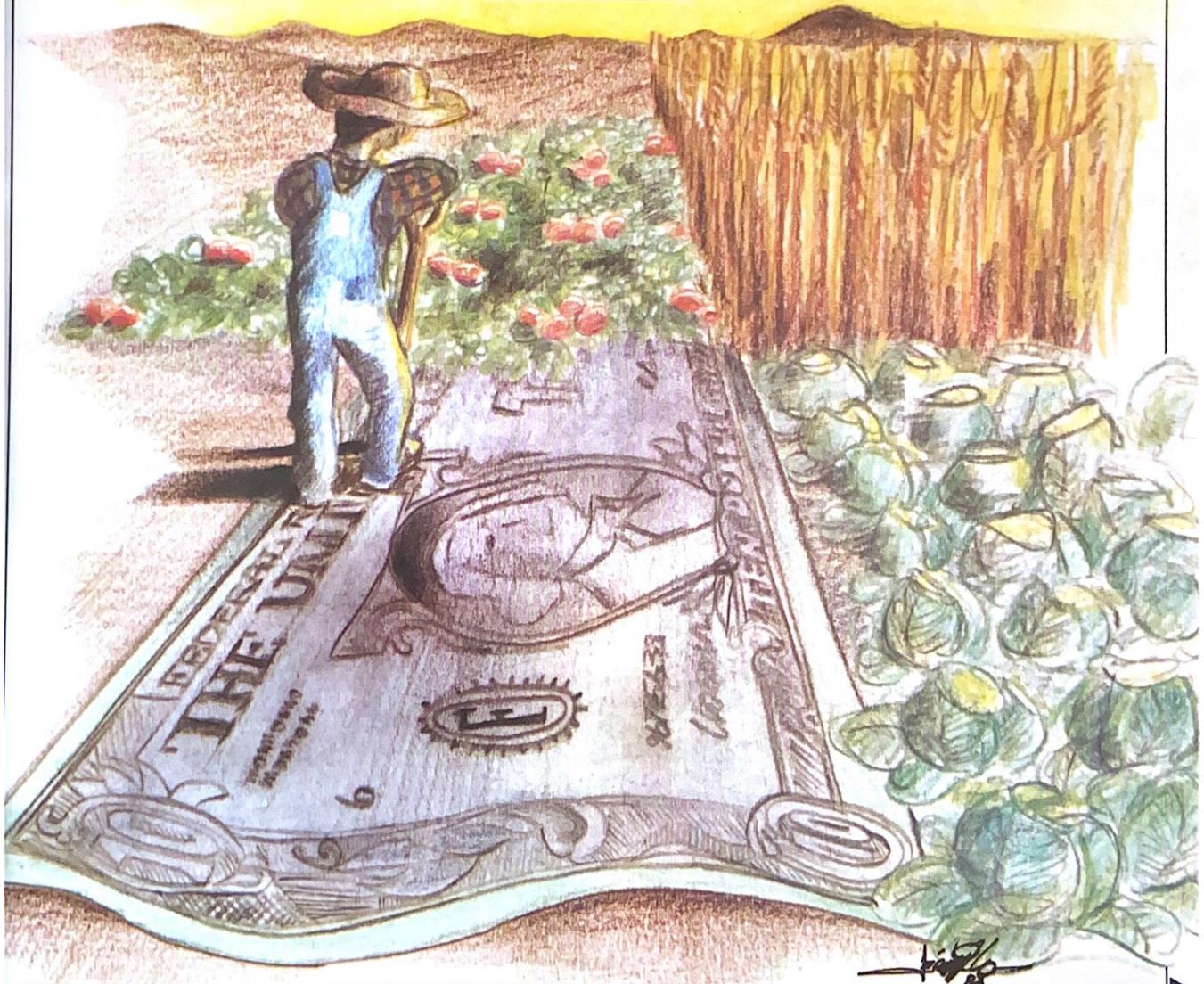


emroto n | Informe

A fé nas várzeas

Texto: Llana John
Ilustração: Sergio Cajado



Embrater Informe

Entre todos os "prós" que o governo inventou para a agricultura brasileira, finalmente aparece um que talvez não seja tão contra a nossa produção de alimentos: o Pró-várzeas.

Aprovado em junho de 1981, o Pró-várzeas é um raro espécime de programa oficial a investir na infraestrutura para produção de grãos básicos. Seus recursos — calculados em US\$ 1.706.141.047,00 no total, de 81 a 85 — devem ser canalizados em 50% para o custeio de culturas irrigáveis. E por culturas irrigáveis, passíveis de adaptação na várzea, o Ministério da Agricultura entende os safrados feijão e arroz, o trigo nosso de cada dia; forrageiras, para pastagem no inverno; milho e hortaliças.

Os 50% restantes dos recursos estão divididos em investimentos fixos (18%), financiamentos do governo federal (8%) e recursos próprios dos agricultores (24%). A maior parte dos financiamentos virá do exterior, sendo que já temos garantidos US\$ 50 milhões do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento); US\$ 25 milhões do KFW (banco estatal da Alemanha Ocidental) e US\$ 40 milhões do FIDA (Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola).

Para o produtor brasileiro que se aventurar a investir na várzea, os juros são os mesmos que o do crédito agrícola, 45% ao ano. A exceção fica com as áreas sob influência da Sudene, Sudam e Vale do Jequitinhonha. Aí os juros são de 35% ao ano para custeio e 12% para investimento. O prazo é de 5 anos e a carência 2 anos.

Com esses financiamentos tão facilitados, para investimento na infraestrutura, era natural que muitos produtores ficassem de olho, especialmente os grandes. Por isso o Banco Central limitou em 200 hectares as cultu-

ras financiáveis, determinando 20% da verba para os grandes produtores e 80% para os pequenos, médios e minis.

E, para que todos ficassem sabendo do Programa, foi lançada uma campanha publicitária pela TV, rádio, jornais e revistas, num custo total de Cr\$ 120 milhões.

Depois de iniciada a campanha, segundo a assessoria de imprensa da Embrater (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), o Pró-várzeas passou a ser realmente nacional. Produtores dos 21 estados que participam do programa já estão nas listas de espera para tornar suas várzeas cultiváveis (os estados que não participam são Acre, Rondônia e os territórios de Roraima e Amapá).

Em termos médios, o custo de aproveitamento do hectare de várzeas é de Cr\$ 100 mil, enquanto os projetos de irrigação tradicionais não ficam em menos de Cr\$ 250 mil por hectares.

Basicamente, o que se vem fazendo é uma drenagem da várzea (localizada geralmente à margem de rios, inundável ou não) para depois construir vias de irrigação, que a água percorrerá por força da gravidade. Como essa terra é bastante rica, ela exige menos fertilizantes e acaba produzindo bem mais.

Nas fazendas experimentais, de Minas Gerais, a produtividade das várzeas irrigadas chegou a ser até três vezes maior que na agricultura de sequeiro. Com base nisso, o Ministério da Agricultura espera que, em 85, os agricultores incluídos no programa estejam produzindo 37% do total nacional de arroz, 5% do milho, 10% do feijão e 4% do trigo. E tudo em cerca de um milhão de hectares sistematizados, a meta do programa para 85.

Essa meta pode ser considerada

até modesta, se levarmos em conta os 24 milhões de hectares de várzeas que podem ser sistematizados em todo o território nacional (levantamento preliminar). Mas para começo de conversa já está muito bom, pois esse primeiro milhão de hectares está localizado em áreas que possuem infraestrutura de escoamento da produção. Um grande ponto a favor do barateamento dos grãos básicos a serem produzidos, sem dúvida.

Mas a maior vantagem do Pró-várzeas sobre todos os outros "prós" do governo federal não é esta. É o fato de se investir na tecnologia, ao invés de apostar em São Pedro. Até 1980 o Brasil só irrigava 800 mil hectares de terra, menos de 2% da área agrícola em produção. E ficava só na "fezinha", à mercê da chuva ou estiagem, conforme a vontade do citado santo.

A sistematização das várzeas diminui bastante o risco da estiagem e produz de duas a três colheitas por ano, dependendo dos alimentos plantados.

Para o produtor, isso pode significar recuperação do capital investido e pagamento dos empréstimos em apenas dois anos. Para o governo, aumento dos excedentes exportáveis e fim das embaraçosas importações de grãos básicos. E para o consumidor, claro, barateamento dos custos com alimentos, através do aumento da oferta.

E o supermercado também leva sua vantagemzinha, com a eliminação das flutuações gritantes de preços e das problemáticas filas do feijão às suas portas.

Tudo perfeito na teoria. Tudo muito bom para quem tem alguma relação com a produção de alimentos de ponta a ponta. Agora só falta esperar 85 para ver a prática. E torcer, com todo nosso estômago. ■